

Psicodrama: um modo de agenciar ao fazer pesquisa em educação sociocomunitária

Managing psychodrama while conducting research in social community education

Norma Sílvia Trindade de Lima¹

Resumo

Pretende-se, neste ensaio, destacar a contribuição da metodologia sociopsicodramática para o universo da educação sociocomunitária. O texto apresenta o psicodrama como um dispositivo de pesquisa e de produção de saberes, numa interlocução com o pensamento filosófico contemporâneo de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault e os conceitos de produção de subjetividade, modos de subjetivação, processos de singularização e devir. A metodologia sociopsicodramática explora a ação dramática como estratégia de questionamento do instituído, potencializando diálogos, ao convocar os sujeitos envolvidos a protagonizar seus problemas e/ou conflitos, a fim de que a autoria, a criação coletiva, os novos fluxos e devires possam emergir. Ao investigar, interfere, podendo ensejar processos de singularização e inclusão nos cenários sociais, campo micropolítico, dinamizado por valores, sentidos e significados que subjazem critérios de inclusão e exclusão, socioculturalmente construídos e compartilhados.

Palavras-chave: Educação sociocomunitária. Inclusão. Pesquisa. Psicodrama. Subjetividade.

Abstract

In this study we intend to highlight the contribution of the sociopsychodramatic method to the context of social community education. The study presents psychodrama as a research approach and production of knowledge, in dialogue with contemporary philosophical thought of Gilles Deleuze, Félix Guattari and Michel Foucault, and the conception of production of subjectivity, modes of subjectivity, processes of singularization and becoming. The sociopsychodramatic method explores the dramatic action as a strategy to question the instituted discourse, enhancing dialogue when inviting the subjects to discuss their problems and/or conflicts to enable authorship, collective creation, new flow and becoming. When investigating, it interferes with, allowing potential processes of singularization and inclusion in social settings, a micropolitical field that boosts values, feelings and meanings that account for socio-culturally constructed and shared inclusion and exclusion criteria.

Keywords: Social community education. Inclusion. Research. Psychodrama. Subjectivity.

¹ Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação. Av. de Cillo, 3500, Parque Universitário, 13467-600, Americana, SP, Brasil. *Email:* <normalima.unisal@gmail.com>.

Introdução

Este texto inspira-se na estética do gênero ensaio, buscando pertinência entre forma e conteúdo. De acordo com Larrosa (2003), ensaio é uma forma de escrita literária, ancorada nas intensidades da experiência e na liberdade do pensamento, dimensões estas, tantas vezes, excluídas dos espaços instituídos do saber. Posto isso, não se trata de um relato de pesquisa e de sua sistematização convencional, mas de, a partir de uma experiência tecida há alguns anos, no âmbito da pesquisa acadêmica em educação, pensar o psicodrama como um modo de investigar, além de intervir, estabelecendo uma interlocução com recortes conceituais filosóficos contemporâneos. Apresentamos, então, o psicodrama como um dispositivo de pesquisa e de produção de saberes no universo da educação sociocomunitária que pode ensejar processos de singularização e inclusão nos cenários sociais em razão da peculiaridade de sua epistemologia qualitativa e ensaísta e de suas ferramentas operacionais participativas.

Constituinte de uma obra denominada Socionomia, popularmente conhecida como Psicodrama, a metodologia sociopsicodramática foi desenvolvida por Jacob Levy Moreno (1889-1974), na primeira metade do século XX. Esse método explora a ação dramática como estratégia de questionamento do instituído, potencializando diálogos ao convocar os sujeitos envolvidos a protagonizar seus problemas e/ou conflitos, a fim de que a autoria, a criação coletiva, os novos fluxos e os devires possam emergir. Ao investigar, interfere, podendo transformar o campo micropolítico das relações sociais, intersubjetivas, as quais são dinamizadas por valores, sentidos e significados que subjazem critérios de inclusão e exclusão, socioculturalmente construídos e compartilhados.

Partindo dessa concepção, o presente ensaio busca discutir a obra de Jacob Levy Moreno, numa interlocução com o pensamento filosófico contemporâneo de Deleuze, Guattari e Foucault e os conceitos de produção de subjetividade, modos de subjetivação, processos de singularização e devir, a fim de destacar a contribuição da metodologia sociopsicodramática

à pesquisa em educação sociocomunitária. O psicodrama como um dispositivo, um modo de fazer pesquisa – sociopsicodramático –, opera numa lógica não apriorística e participativa, produzindo efeitos passíveis de novos dizeres e olhares sobre o fenômeno investigado. Além disso, implica outro tipo de relação com os sujeitos/participantes envolvidos, uma vez que os convoca à experiência de autoria, improviso e criação, responsabilizando-os pela produção de sentidos e significados. O convite à condição de autor e ator, num contexto legitimado e autorizado de pesquisa, questiona não só o lugar comum, familiar ao *status* de passividade, resignação e/ou subordinação – como os dizeres instituídos e seus critérios de pertencimento –, potencialmente inclusiva: ao fazer abertura à diferença, instiga processos de singularização. Trata-se de um modo ímpar de se fazer pesquisa acadêmica em educação, podendo inspirar novas estéticas e visibilidades (Lima, 1998, 2003).

Para se pensar uma educação e a noção de sujeito

O homem é uma corda, atada entre o animal e o além-do-homem - uma corda sobre um abismo.

Perigosa travessia, perigoso a-caminho, perigo olhar-para-trás, perigoso arrepiar-se e parar.

O que é grande no homem, é que ele é uma ponte e não um fim: o que pode ser amado no homem, é que ele é um passar e um sucumbir (Nietzsche, 1987, p.183).

A educação se faz em processos de formação, transformação, subjetivação. Implica modos de pensar, sentir e agir expressos em enunciados que posicionam sentidos, objetos, pessoas e lugares ordenados numa temporalidade. Uma relação espaço-tempo emoldurando sujeitos e acontecimentos. A educação adestra, disciplina, normatiza, humaniza, como um pêndulo, em seu movimento alternado, pendular em muitos sentidos e direções, amplo ou restrito, mas movimento, sem impacto, sem ruptura, sem dobra, sem linha de fuga.

Nessa perspectiva, um desafio se estabelece: a emergência e/ou a insurgência necessária de possibilidades outras, não pendulares. A noção de diferença e a relevância de se fomentarem processos de singularizações demandam outra metáfora, outro movimento, novas rotas, novos territórios, novos enunciados, novos pensamentos, olhares, outros modos de subjetivação. Outras estéticas existenciais. Outra educação inspirada em outras proposições, como a noção de sujeito inacabado, descentrado e atravessado por múltiplos vetores e fluxos discordantes, com possibilidades de se apropriar e transmutar padrões estandardizados de subjetividade.

A partir desse olhar, o psicodrama, *lato sensu*, como metodologia sociopsicodramática, no campo educacional sociocomunitário, colabora com um modo de fazer pesquisa e produzir saberes e/ou entendimentos sobre o fenômeno educativo e seus sujeitos-espacos-tempos. Distanciando-se de um referencial metanarrativo, o psicodrama opera por meio de uma linguagem artística, em seu amplo espectro de métodos e procedimentos em seu modo de investigar, intervir e vislumbrar entendimentos possíveis e contextualizados sobre acontecimentos locais. Além disso, destaca a criação coletiva e o compartilhamento de narrativas, como experiência transformadora, dando visibilidade a protagonismos. Não havendo uma verdade *a priori*, constituinte e universal, valoriza saberes múltiplos e díspares, estéticas e pertencimentos sociais, buscando deslocar para ampliar olhares e devires.

Uma educação sociocomunitária, compreendida conforme uma concepção educacional da diferença, concebe o ser humano como devir, buscando, assim, potencializar processos de diferenciação e/ou singularização ao reconhecer a legitimidade das experiências e dos sujeitos sociais. Recusa, portanto, proposições apriorísticas, normatizadoras e homogeneizadoras. Nesse sentido, pode criar, fortalecer ou se valer de dispositivos que favoreçam a autoria e o protagonismo de devires, potencializando a criação coletiva no âmbito sociocomunitário uma vez que que suscitar deslocamentos permite vislumbrar novos cenários, atores, dramas e tramas. O psicodrama, neste escrito, desponta como um desses dispositivos.

Psicodrama: uma polissemia e uma polifonia

É pertinente ressaltar que a apropriação do pensamento de Jacob Levy Moreno apresenta uma multiplicidade de compreensões, vozes, práticas e interseções com outros campos do saber, especialmente a filosofia e o teatro. Em tal íterim, o psicodrama é uma polissemia e uma polifonia orquestrada por muitos diálogos, digressões, conexões e, sobretudo, estéticas que nem sempre dialogam. Sendo assim, proliferam nomes, entendimentos, práticas e posturas diversas do que se chama psicodrama, em suas respectivas diferenças e especificidades teórico-metodológicas. Contudo, essa discussão e detalhamento se distanciam da intenção deste escrito.

No recorte do presente ensaio, o psicodrama refere-se à metodologia sociopsicodramática, compreendida por saberes e fazeres, estratégias de pensar e operar no nível micropolítico, socioeducativo. Trata-se, portanto, de um dispositivo educacional e de pesquisa, cuja característica é fazer abertura à emergência da tensão e do conflito, a fim de que processos de subjetivação possam ser identificados e problematizados, para se criar, coletivamente, um feixe possível de novos sentidos e significados e instigar outros modos, estilos, estéticas e éticas de existência para reconhecermos, relacionarmos e educarmos na perspectiva da singularidade e afirmação. Em outras palavras, o psicodrama e o fazer coletivo e dramático podem criar linhas de fuga, entendidas, aqui, como disruptura de exercícios/modos de saber/poder e de subjetivação. A pesquisa, nessa perspectiva, assume tal feitio. A seguir, um pensamento moreniano atravessado por outros feixes teóricos.

Um pensamento moreniano e interseções possíveis

Eu comecei a encantar-me, cada vez mais, e a perguntar-me se além da **responsabilidade** por mim mesmo e os cuidados comigo pró-

prio, a responsabilidade para com **todas** as pessoas mais próximas, meu pai e a minha mãe, a minha irmã e o meu irmão, os meus amigos, as pessoas da minha cidade e de outros lugares, as nações longínquas da terra, os povos com as suas guerras, revoluções e misérias não seriam também de minha responsabilidade? Será que todo o Universo está sob a minha responsabilidade? Comecei a perceber que não existem limites para a responsabilidade, exceto para com o que nela há de inclusivo de tudo que se move e que se transborda de vida.

[...] E como eu poderia assumi-la, sem ter uma **função criadora neste mundo** e sem ser o parceiro em sua criação? (Moreno, 1992, p.10, grifo meu).

Este trecho é da obra *"As palavras do pai"*, de Moreno (1992). De descendência hispano-judaica, sefardim, o criador do Psicodrama nasceu em Bucarest, na Romênia, em 1889. Ainda pequeno, foi para a Áustria, onde viveu até os vinte cinco anos, formando-se médico e envolvendo-se com o universo intelectual de vanguarda, literário e teatral, especialmente. Considerada obra significativa do acervo moreniano, *"As palavras do pai"* apresenta princípios do pensamento e ética do autor, esboçados numa filosofia da cocriação e corresponsabilidade, em um cenário movediço, tempos de guerra.

A criação e a responsabilidade para com o Universo são atributos humanos primordiais na obra moreniana. Nas palavras do autor: "Todos os homens nasceram para criar" (Moreno, 1992, p.113). Essa é uma premissa do seu pensamento, dedicado ao estudo das relações sociais, na dimensão microssocial, micropolítica e intersubjetiva. O ser humano é concebido como potência de criação, responsável para com a Vida. Uma estética existencial afirmativa, poética, criadora, amorosa e, sobretudo, relacional.

A obra e a biografia de Moreno indicam uma preocupação com a autoria das pessoas e a inclusão destas nos contextos sociais, dando ênfase aos afetos e desafetos e seus efeitos nas relações que se estabelecem em coletividade. Em tal perspectiva, foi desenvolvida uma série de ações, experimentos,

estratégias de investigação, que foram desdobradas em um quadro conceitual e metodológico, instigado pelos desdobramentos dos pertencimentos e não pertencimentos, ou seja, os efeitos socioafetivos sobre as pessoas em seus grupos sociais.

De acordo com Marineau (1992), afeito ao mundo artístico, Moreno escreveu brochuras e foi editor de um jornal de vanguarda em Viena, o *Daimon*, no período de 1918 a 1920. Mais tarde envolveu-se com o fazer teatral, formando um grupo experimental, com atores e atrizes profissionais, ao qual chamou de teatro da espontaneidade, fato decisivo para o desenvolvimento de sua teoria e metodologia, sistematizadas, posteriormente, nos Estados Unidos, para onde imigrou aos vinte e cinco anos, em 1925, estabelecendo-se em *New York*, até sua morte, aos oitenta e cinco anos, em 1974.

O jovem Moreno, alguns anos após a primeira guerra mundial, com uma visão crítica sobre o teatro convencional e o contexto político e social, ambos, a seu ver, conservadores e alienados, buscou encontrar um modo de transformar aquela realidade. Pretendia discutir, aberta e democraticamente, com todas as pessoas o futuro da Áustria, considerada sem liderança social e política. Em razão de várias ações sociais e experimentos teatrais anteriores, propôs um estilo cênico que propiciasse uma participação ativa de todos os integrantes, atores e plateia, de modo a assumir a autoria do desenvolvimento da história dramatizada, assim como o desempenho improvisado de personagens no palco dramático. Buscou, também, estimular o questionamento, a criação e a responsabilidade de cada um sobre o destino da sociedade. Assim, as tramas dramatizadas no palco deveriam ser dramas reais, protagonizados de modo improvisado, e compartilhado coletivamente, sem *script* e ensaio prévios. Propôs, para isso, eliminar o dramaturgo e o texto teatral escrito, um "teatro sem espectadores", no qual tudo seria improvisado, cujos criadores/dramaturgos seriam atores e plateia e, ao invés do palco tradicional, o contexto psico e socio-dramático - "*palco-espaco, o espaco aberto, o espaco da vida, a vida mesma*" (Moreno, 1984, p.9).

O objetivo desse método era identificar os valores e preconceitos do grupo, dar visibilidade aos

temas latentes e pujantes por meio da dramaturgia e ação dramática, explorá-los e encontrar, coletivamente, alternativas. A partir de experimentos com o teatro da espontaneidade, Moreno percebeu a eficácia investigativa e terapêutica dos recursos cênicos. Adotou o teatro como metáfora para o desenvolvimento de sua obra; contudo, este seria pautado na improvisação, na criação e no compartilhamento, através de experimentações reais, dramas contextualizados num cenário vivido e cotidiano, uma “ciência da ação”, *in situ*, cujos participantes teriam o *status* de pesquisador, na medida da corresponsabilidade do desenvolvimento do trabalho grupal. A equipe de artistas profissionais deu lugar às pessoas comuns, que passaram a assumir o papel de atores, atrizes, dramaturgos protagonizando seus próprios dramas, em vários cenários e contextos sociais.

O pensamento de Moreno, sistematizado como um todo, foi nomeado como Socionomia, isto é, o estudo das relações sociais ou “ciência das relações sociais”, ramificada em três recortes metodológicos: Sociometria, Sociodinâmica e Sociatria. As nomeações estratificadas são um recurso didático para expor a metodologia moreniana, pois estas são interconectadas conceitualmente, complementando-se. Papel, espontaneidade-criadora e tele são os conceitos angulares.

O conceito de papel surge com o teatro na Grécia e Roma antigas. Para Moreno papéis são “formas tangíveis e concretas assumidas pelo eu [...] formas funcionais que o indivíduo adota no momento específico em que reage a uma situação específica [...]” (Fox, 2002, p.112). O papel tem uma dimensão coletiva por ser constituído de padrões culturais, além de socialmente produzido e compartilhado, mas também possui uma dimensão privada, referente à singularidade do indivíduo, ou seja, cada um lida e assume as convenções e referências culturais ao seu modo. O papel também diz respeito à posição que uma pessoa ocupa num dado contexto social, nesse caso, os papéis sociais.

Na visão de Moreno (2008), conforme expõe Fox (2002, p.117), “o homem é um jogador de papéis”. Ressaltamos o aspecto lúdico, dinâmico, contex-

tualizado e relacional desse conceito. Aliás, uma característica teórica, pois todos os conceitos na obra do autor são relacionais, posto que o ser humano, nessa perspectiva, constitui-se em relação, em devir, ativamente. Assim, relacionamo-nos, sempre, por meio do jogo de papéis; ou seja, um papel só se constitui na relação com o seu contrapapel, sempre contextualizado em um cenário e envolvido ou “a serviço de” alguma trama, da qual emerge o drama. Alguns exemplos disso seriam: pai e filho, professor-aluno, marido-mulher.

Invariavelmente, nascemos inseridos numa configuração social, previamente dada, animada por papéis instituídos e atribuídos. Então, nascemos e crescemos jogando papéis: de filho, filha, irmão, irmã, sobrinho e outros, sucessivamente, conforme a ampliação e a diversificação das redes relacionais. Moreno (2008) afirma que os papéis são anteriores à noção de “eu”.

O desenvolvimento dos papéis sociais percorrem três modos ou etapas. A primeira delas seria tomar o papel, *role-taking*, ou seja, reproduzir o papel social tal qual a expectativa e o modelo o definem; na segunda, *role-playing*, o papel seria desempenhado com certa liberdade, distanciando-se, mais livremente, das expectativas sociais e do padrão estabelecido para jogá-lo, e a terceira etapa, *role-creating*, trataria da recriação do papel, do desempenho espontâneo. Destacamos, aí, o conceito de espontaneidade em jogo, compreendendo-a como:

[...] um estado de prontidão do sujeito para responder mais rapidamente, quando lhe for solicitado. É uma condição - um ajustamento - do sujeito, uma preparação do mesmo para uma ação livre (Moreno, 1992, p.152).

Ou, ainda, definindo-a como uma nova resposta a uma nova pergunta ou uma nova resposta a uma situação antiga (Fox, 2002; Moreno, 2008). Liberdade, possibilidade e condição de criação têm a ver com espontaneidade: uma prontidão para jogar, lidar com o curso da vida. Como fios de diferentes cores e texturas permitem tecer diferentes estéticas, ensaiamos interseções teóricas que possam colaborar com o sentido e o feitiço do psicodrama, como um dispositivo de pesquisa.

Pensamos que o jogo de papéis, tomado como uma dança que é impulsionada pelos acordes da espontaneidade-criadora, alarga o território existencial pela liberdade de criar novas possibilidades de desempenho e relação, aproxima-se, assim, do pensamento nietzscheano. O homem de espírito livre dança, tem pés ligeiros, uma vez que a dança remonta à possibilidade de transformação, criação, transmutação, símbolo dionisíaco. Sobre o sentido da dança no pensamento nietzscheano, Marton (2009, p.60) esclarece:

Com a dança, evoca-se o fluxo vital; com ela, alude-se à permanente mudança de tudo o que existe [...].

Cadência, a dança põe em xeque a aparente imobilidade das coisas, a rigidez imposta ao pensamento, a fixidez forjada pelas palavras. Com o ritmo, o mundo deixa de ser estável; com os gestos, a linguagem deixa de ser unívoca. E as ideias ganham leveza.

Outra tessitura seria uma interseção teórica entre o desenvolvimento de papéis - tomar, jogar e criar, na teoria moreniana -, e a visão de Guattari sobre a produção de subjetividades. Segundo Guattari e Rolnik (2010), a subjetividade, assim como o conceito de papel social para Moreno, é um artefato sociocultural. Ela está em circulação nos conjuntos sociais como uma fabricação, manufaturada no registro comunitário para ser assumida, vivida pelos sujeitos, como experiências individuais. Haveria, de acordo com os autores mencionados, basicamente, dois modos possíveis de se viver a subjetividade: numa relação de alienação e opressão ou de expressão e criação. Nessa perspectiva, o indivíduo é entendido numa posição de terminal, ou seja, numa encruzilhada de múltiplos componentes de subjetivação que o atravessam, o afetam, sejam estes sociais, econômicos, tecnológicos, étnicos e tantos outros.

Como já mencionamos, os papéis são anteriores ao "eu", e o desenvolvimento destes implica um exercício da espontaneidade (conceito moreniano já explicitado). Há, no desempenho dos papéis, uma dimensão coletiva, agenciada, sem dúvida, mas

também existe aquela que é individual, singular, referente à potência de criação conferida ao exercício da espontaneidade no que diz respeito à possibilidade de novas respostas que cada um consegue engendrar ao assumir e jogar o papel instituído socialmente. O conceito de espontaneidade-criadora, em Moreno, como atributo humano essencial, é a possibilidade de disrupção, a linha de fuga, a criação.

De outro modo, acerca da subjetividade ou dos seus padrões, Guattari e Rolnik (2010) dizem que eles estão disponíveis no âmbito social para serem consumidos/assumidos pelos indivíduos. Os autores ressaltam, ainda, uma distinção entre subjetividade e indivíduo. "A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação" (Guattari & Rolnik, 2010, p.39). Como processo de produção subjetiva: é de natureza industrial, maquinica, veiculada, "injetada" nos indivíduos por meio dos sistemas semióticos heterogêneos em circulação no contexto sociocultural Guattari e Rolnik (2010).

O indivíduo, entendido como devir, está numa encruzilhada, como um terminal (Guattari, 2001). Ao ser atravessado por vetores discordantes, ele é modelado nesse universo de modo tão mais singular ou alienado conforme suas condições e possibilidades de lidar ou "jogar" com os vetores/fluxos/campos de forças - discursivos e não discursivos - de subjetivação que o transpõem, subjetivando-o.

Nessa perspectiva, o ser humano se constitui a partir de enunciados e de agenciamentos que o atravessam e com os quais ele interage ativamente, lidando, a sua maneira, tão mais alienado ou singularizado, conforme seus processos, espaços-tempos e modos de subjetivação, isto é, estilo de vida ou estéticas existenciais (Deleuze, 2010).

A relação humana, então, é emoldurada e/ou modelada pelo cenário, o contrapapel e o drama vividos, consubstanciados em práticas discursivas e não discursivas, em seus modos de agenciar e enunciar coletivamente. Ou seja, amamos e odiamos jogando/vivendo papéis sociais e subjetividades, constituídos de modo coletivo, cultural, mas também constituídos por uma dimensão privada que nos

permite transformá-los, mais ou menos, conforme a espontaneidade de cada um e o contexto que a circunscribe. Se o homem é um jogador de papéis, como definiu Moreno, isso implica modos distintos e singulares de lidar com os papéis sociais disponíveis e atribuídos socioculturalmente. Jogar é um verbo de ação e a ação desliza, como uma dança, podendo criar linhas de fuga.

A saúde mental, na concepção de Moreno, refere-se à possibilidade de transitar entre o fantástico, a imaginação, a fantasia e o real. Dito de outro modo, ao viver a vida como ela é, em suas demandas, medidas e desmedidas, transitamos entre o real e a fantasia, cada um, naturalmente, conforme sua medida e condição de transitar nessas duas dimensões vitais. A saúde mental tem a ver com tais medidas e condições de lidar com essas tênues dimensões: ficção e realidade. Isso faz alusão ao conceito de espontaneidade-criadora. A necessidade de criar, coletivamente, considerando a vida e o universo como um todo conectado, aproxima-se de uma visão ecológica. A criação implica responsabilidade para com o entorno e as pessoas envolvidas, como mencionado anteriormente. Moreno (1993, 2008) dizia que os sistemas educativos deveriam ter como tarefa fundamental potencializar, resgatar e fomentar a espontaneidade-criadora.

O psicodrama, a rigor, seria um expediente da Sociatria - conjunto de métodos e estratégias para interferir no *socius* -, ou seja, modos de intervenção social tendo em vista fomentar a potência criadora das/entre as pessoas (Moreno, 1993) com vistas ao tratamento da saúde mental e social: uma investigação da "verdade" por meio da ação dramática (Fox, 2002; Moreno, 2008).

Operacionalmente, para se realizar uma intervenção sociopsicodramática, são desenvolvidos basicamente três momentos - aquecimento, dramatização e compartilhamento - que operam em três contextos - social, grupal e psicodramático -, valendo-se de cinco instrumentos: diretor, egos-auxiliares, palco, protagonista, plateia.

Uma sessão de psicodrama pode ter ou não um tema prévio. Não sendo o assunto previamente estabelecido, cabe ao diretor investigar os temas

latentes, presentes na sociodinâmica do grupo e possibilitar a emergência destes para que sejam explorados. Os participantes, oriundos do contexto social, são mobilizados/solicitados a realizarem propostas feitas pelo diretor. Trata-se de um aquecimento para que outro contexto seja criado, o contexto grupal, em que os componentes tornam-se potencialmente atores, atrizes e dramaturgos, pois as pessoas, quando se agrupam para uma sessão de psicodrama, estão no contexto social, o que significa que interagem a partir dos papéis sociais. Cabe ao diretor, como um catalisador de emoções e temas, transformar o agrupamento em grupo, constituindo um projeto comum.

O contexto grupal é um continente emocional para a emergência de narrativas, cenas, personagens, enfim protagonismos. Nesse espaço, estabelece-se, então, outro tempo-espaço, um contexto dramático no qual ocorrerá a dramatização. Então, delimita-se o palco, personagens são criados e contracenam, desenrolando uma história improvisada.

No contexto dramático, o palco é o lugar autorizado e protegido para a experimentação, imaginação e criação cênica coletiva. Personagens ganham vida, e a vida, liberdade para ser, cenicamente, protagonizada e transformada. O palco psicodramático é um espaço-tempo, um conceito proposto para resgatar liberdade e autoria, operacionalmente por meio cênico, ao desejo e mundo imaginário, acionando a espontaneidade-criadora: abertura, autorização e proteção para o livre trânsito da fantasia e da imaginação, no contexto cênico, sociopsicodramático.

A criação coletiva é compreendida como a ação conjunta da espontaneidade criadora. Nesse sentido, todos os participantes têm o *status* de pesquisador e são corresponsáveis pelo curso não só da história, mas de todo o trabalho grupal.

Terminada a cena, volta-se ao contexto grupal, compartilha-se a experiência: tal processo é transformador na medida em que possibilita o compartilhamento e a experimentação de outras vias, outros ângulos, outras nomeações. Por meio de

personagens que contracenam improvisadamente, linhas de fuga são criadas, possibilitando deslocamentos e, assim, engendrando outros sentidos e significados que ampliam o território existencial. A ação dramática demanda autoria e intensidade emocional capazes de proporcionar novas miragens e produzir deslocamentos. Trata-se de uma experiência que envolve fluxos emocionais e afetos. Entendidos como “relação da força com outras forças que esta afeta, ou mesmo que a afetam (incitar, suscitar, induzir, seduzir...)”, que vão dimensionar perceptos, “não são percepções, mas pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que o vivenciam” (Deleuze, 2010, p.150).

Para finalidades acadêmico-didáticas, como, no caso, a pesquisa acadêmica, há uma quarta etapa operacional, o processamento. O pesquisador, *a posteriori*, não mais no papel de diretor, analisa a produção coletiva do grupo, isto é, cenas protagonizadas, personagens, drama, enredo, enfim, todo o desenrolar do evento sociopsicodramático é passível de ser discutido à luz do referencial teórico-metodológico moreniano. Assim, eixos de análise são criados para explorar, analogicamente, a experiência vivida, ampliando o entendimento sobre o tema protagonizado. As cenas, os personagens e toda a sociodinâmica grupal produzem novos sentidos e significados, podendo o pesquisador dialogar com outros pensamentos. Portanto, o processamento é análogo à discussão dos dados na pesquisa acadêmica.

Por fim, o conceito do tele é também uma pedra angular no pensamento moreniano.

O encontro é um fenômeno télico. O processo fundamental de tele é a reciprocidade: reciprocidade de atração, reciprocidade de rejeição, reciprocidade de excitação, reciprocidade de inibição, reciprocidade de indiferença, reciprocidade de distorção (Moreno, 1992, p.33).

O tele é um conceito social, diz respeito ao fenômeno do Encontro no âmbito existencial. Acontece na relação social. Tele não é a mesma coisa que empatia ou transferência, pois estes são conceitos psicológicos, dizem respeito ao indivíduo (Moreno,

2008). Desdobramos tal concepção à luz da noção de acontecimento de Deleuze, resguardadas as devidas peculiaridades conceituais. Num campo de forças em ação, algo acontece num encontro existencial e ambas as pessoas envolvidas são afetadas. Trata-se de uma relação, ou seja, mão dupla de fluxos emocionais, afetos e perceptos (Deleuze, 2010).

É preciso compreender e considerar que o ser humano é um ser vulnerável e atravessado por uma complexidade de universos que o singularizam e/ou o massificam infinitamente. Vetores, devires que encaminham o seu estado de sentir, agir, pensar. Deleuze (2010, p.175) chama de afetos “devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro)”.

A noção de sujeito aqui proposta e tratada distancia-se de uma metanarrativa, uma teoria geral, universal, regida por leis e regularidades que esquadriham e justificam enunciados previsíveis e lineares sobre o fenômeno humano. Aqui, a mirada é outra. Não existe natureza humana, mas um jogo de devires, forças-potências-fluxos que se afetam. Aos meus olhos, potência criadora, um devir humano, perscrutando os de Moreno.

A intenção deste prelúdio foi apresentar, sucintamente, noções da obra de Moreno pensadas a partir de interseções com outras ideias. Apesar do tempo que as separa, considerando que vivemos em tempos de “outras” guerras, a temática tratada por Moreno reverbera na contemporaneidade de vários modos e sentidos.

O psicodrama como um dispositivo de pesquisa e produção de saberes

Dispositivo, “nos termos de Foucault, significa o conjunto das práticas, discursivas e não discursivas, consideradas em sua conexão com as relações de poder” (Silva, 2000, p.43). O termo dispositivo é utilizado no sentido dado por Foucault (1998) ao conjunto de práticas, saberes e seus inerentes exercícios de poder. Um dispositivo, como uma caixa de ferramentas, disponibiliza saberes e estratégias de intervenção e, portanto, opera agenciamentos no âmbito da produção social/subjetiva.

O termo educacional pretende enfatizar o tipo de agenciamento, o âmbito da positividade ou a rede de produtividade do dispositivo. O termo rede de produtividade foi usado por Foucault (1998) em sua análise genealógica sobre verdade e poder. O entendimento consensual do poder como negativo, repressivo, foi questionado por esse autor, que o discutiu como uma força que permeia o corpo social, induzindo, produzindo discursos e saberes. Nesse sentido, Foucault apontou uma circularidade inerente entre verdade e poder, chamando-a de regime de verdade.

Por “verdade”, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados.

A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. “Regime” de verdade (Foucault, 1998, p.14).

Em tal perspectiva, a educação, seja qual for a modalidade - formal, não formal ou outra qualquer, institucionalizada ou não -, orienta-se e afirma, concomitantemente, “regimes de verdades e poder” que são enunciados, saberes legitimados e exercícios de poder correlatos, multifacetados e pulverizados no tecido social, numa circularidade funcional (Gore, 1999). Os regimes de verdade e poder são subjetivados em práticas educacionais.

Destarte, educar é agenciar, subjetivar. A educação opera no nível micropolítico, produzindo subjetividades tão mais ou menos singulares ou alienadas, conforme engendre processos de singularização ou massificação (Lima, 2010, 2011a, 2011b).

Considerações Finais

Por tudo que foi exposto, a metodologia sociopsicodramática, no âmbito da pesquisa em educação sociocomunitária, é um dispositivo político e estético no campo simbólico e cultural. O potencial analógico e artístico dessa metodologia pode

favorecer outros/novos modos de subjetivação e agenciamento ao se questionarem padrões hegemônicos e normativos, evocando em seu modo de operar e produzir saberes, autoria e criação coletiva. O reconhecimento da legitimidade da diferença contraria o assujeitamento à lógica de produção de subjetividades fixadas e naturalizadas, podendo subverter e/ou redimensionar discursos, condutas, sentidos e significados, tanto mais possibilite deslocamentos, multiplicação e criação de novos enunciados (Lima, 2012).

A educação sociocomunitária, ao privilegiar a emancipação humana como mote fundamental, encontra ressonância e parceria na metodologia sociopsicodramática. Nesse sentido, o psicodrama colabora com esse tipo de educação tanto no que diz respeito a sua epistemologia ensaísta e participativa, quanto ao dispor de estratégias de interferência no mundo social que podem alargar fronteiras e critérios de pertencimento, com efeitos inclusivos. Desse modo, o psicodrama, como dispositivo de pesquisa educacional, interfere no mundo social e dos afetos, propondo uma experiência de participação de cunho existencial, estético e ético.

Em outras palavras, ele seria um modo de intervenção no âmbito micropolítico das relações, utilizando estratégias coletivas de participação e experimentação, produzindo e/ou provocando modos de existência, sejam estes padronizados ou singulares, ressentidos ou afirmativos. De fato, parece relevante ressaltar que, quer queiramos ou não, como bem alerta Foucault, ninguém escapa dos exercícios de poder, presentes e multifacetados nas práticas e relações sociais e nas relações saber-poder que produzem efeitos-sujeitos, inclusive nós mesmos. Assim, fazer pesquisa e produzir saberes é um agenciamento, uma produção de enunciados coletivos, constituídos e constituintes de exercícios de poder.

Por fim, o psicodrama é um tipo de agenciamento. Resta indagar se, no âmbito da pesquisa acadêmica em educação sociocomunitária, ele agencia massificando e alienando, orientado por uma referência prescritiva, normativa, identitária e totalitária, ou ensejando modos subversivos, singulares,

passíveis de afirmar possibilidades criativas de existência, diferenças, expressões de gozo e/ou vida intensa, ampliando critérios e expectativas de pertencimento social.

Referências

- Deleuze, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- Foucault, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- Fox, J. *O essencial de Moreno: textos de psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. São Paulo: Ágora, 2002.
- Gore, J.M. Foucault e a educação: fascinantes desafios. In: Silva, T.T. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.9-20.
- Guattari, F. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 2001.
- Guattari, F.; Rolnik, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- Larrosa, J. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*, v.28, n.2, p.101-115, 2003.
- Lima, N.S.T. *Inclusão escolar e a identidade do professor: a escola como palco de invenção*. 2003. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- Lima, N.S.T. *Era uma vez um castelo: o confronto pessoalidade x impessoalidade no interior de uma instituição filantrópica de atendimento terapêutico-pedagógico para pessoas com autismo e quadros similares*. 1998. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- Lima, N.S.T. Educação, psicodrama e inclusão. *Revista de Ciências da Educação*, v.12, n.23, p.235-247, 2010.
- Lima, N.S.T. Educação, psicodrama e práticas de singularização. In: 10., 2011, Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: Anpedinha, 2011a. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/anais/anais.php>>. Acesso em: 10 dez. 2011.
- Lima, N.S.T. Psicodrama, inclusão e singularidade. In: Motta, J.C.; Alves, L.F. (Org.). *Psicodrama: ciência e arte*. São Paulo: Agora, 2011b. p.37-45.
- Lima, N.S.T. Fechem os olhos, o piloto surgiu! A pólis e o psicodrama como dispositivos educacionais. In: Fernandes, R.S.; Groppo, L.A.; Park, M.B. (Org.). *Cidade: patrimônio educativo*. Jundiaí: Paco Editora, 2012. p.133-142.
- Marineau, R.F. *Jacob Levy Moreno 1889-1974: pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo*. São Paulo: Ágora, 1992.
- Marton, S. *Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2009.
- Moreno, J.L. *O teatro da espontaneidade*. São Paulo: Summus, 1984.
- Moreno, J.L. *As palavras do pai*. Campinas: Editorial Psy, 1992.
- Moreno, J.L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. 2.ed. Campinas: Editorial Psy, 1993.
- Moreno, J.L. *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e do sociodrama*. São Paulo: Daimon, 2008. (Edição de Estudante).
- Nietzsche, F.W. *Os pensadores: obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- Silva, T.T. *Teoria cultural da educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Recebido em 3/6/2014, rerepresentado em 23/2/2015 e aprovado em 23/3/2015.